



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

AURÉLIO PIRES, SEUS ESCRITOS E SUAS MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DE PROJETOS POLÍTICOS-EDUCACIONAIS EM MINAS GERAIS ATRAVÉS DA TRAJETÓRIA DE UM INTELLECTUAL - (1878 – 1937)

Luísa Marques de Paula - Graduanda

Agência financiadora: CNPQ

(UFMG)

luisadepaulam@gmail.com

Mestre Aurélio passa sózinho entre as rosas acompanhado de três sombras deliciosas. Só seus olhos vêem estas sombras porque estão cansados do presente. Mestre Aurélio está cansado do presente de carregar o fardo cheio do passado... (NAVA, 1939: p.16)

Aurélio Egydio dos Santos Pires, ou Mestre Aurélio, nasceu na cidade do Serro em Minas Gerais no ano de 1862, sendo filho do magistrado Aurélio A. Pires de Figueiredo Camargo e de Maria Josephina dos Santos Pires. Um entre tantos de uma família numerosa, seu familiar mais famoso foi sem dúvida o irmão Antonio Olyntho dos Santos Pires, que entre vários cargos, ocupou o de primeiro Presidente do Estado mineiro assim que se deu a República no Brasil.

Aurélio, ao contrário do irmão, não exerceu ou sequer concorreu a nenhum cargo político, concentrando-se na carreira docente, tendo sido reitor do Ginásio Mineiro em Belo Horizonte, diretor e professor na Escola Normal Oficial, e integrante do corpo docente da Faculdade Livre de Medicina, ambos também na capital.

Além disso, exerceu por pouco tempo seu diploma de farmacêutico, e ocupou cargos públicos no estado de Minas Gerais, como diretor do Arquivo Público Mineiro, e o de diretor da seção do Ministério da Viação e Obras Públicas, esse no Rio de Janeiro.

Todavia, até o momento, esta pesquisa teve maior contato com sua atuação como jornalista, sistematizando suas crônicas publicadas em 22 diferentes jornais, entre os anos de 1878, quando da sua estreia nas páginas dos periódicos, até 1916, aproximadamente.

Apesar de não acreditarmos num desvencilhamento dos diversos papéis ocupados por Aurélio Pires, seja como professor, farmacêutico ou jornalista, o enfoque mais voltado para o último se deu por diferentes motivos que serão explicados no espaço deste texto.

Ainda sobre sua trajetória de vida, Pires morreu em 1937, próximo de completar 75 anos, após um período de quase um ano enfrentando os desafios da velhice que inclusive o fizeram





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

abandonar sua casa em Belo Horizonte para viver na capital fluminense, perto do mar, que segundo ele, era o refúgio dos velhos.

O trato com as fontes que temos disponíveis e uma análise dos elementos da vida pública de Aurélio Pires, principalmente dos cargos que ocupou e as relações que manteve com diversas redes de sociabilidade, nos levou a aproximá-lo do conceito de “intelectual”.

Entendemos esse conceito dentro de um vasto campo de discussões que, como aponta Jean François Sirinelli, “podem desembocar em duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento”. (SIRINELLI, 2003: p. 242)

Sabendo da importância da participação de Aurélio Pires na cena pública por meio de publicações constantes em periódicos de considerável circulação entre o que se costuma chamar de uma elite política pensante, e também da eficácia da propagação de ideias que ocorre formal e informalmente através do ambiente escolar, é fácil pensar em Pires como um mediador cultural. Mas indo além, gostaríamos de encaixá-lo no que podemos denominar de lista de intelectuais engajados, de acordo, principalmente, com o pensamento sartriano.

Carla Chamon e Matheus Zica (2007) nos ensinam em um de seus trabalhos, publicado na revista Educação em Foco de Juiz de Fora, que Sartre, em intenso debate com Merleau-Ponty, aponta o intelectual engajado como aquele em constante vigília, que opina sobre os assuntos que tem como relevantes e busca sempre intervir nos mesmos.

Era para isso que Aurélio Pires usava sua pena, como ele mesmo diz no seguinte trecho:

E’ esta a ultima carta que dirijo aos bons, aos benévolos leitores d’O Pharol, neste anno que se encerra depois de amanhã.

Durante os doze mezes que o compuzeram, quantas vezes tive ensejo de molhar a penna no fel da indignação para lhes denunciar factos que a todos nós contristavam, filhos da época que atravessamos, cheia de incertezas, de vacilações e de imprevistos! (O PHAROL, 1891: s/p)

Nessa crônica, que continua após esse fragmento, Aurélio Pires ainda nos diz do dever do jornalista de falar ao povo com imparcialidade e de denunciar os problemas do “terreno sáfaro e ingrato da politica cujo nível tem baixado á depressão contristadora em que se acha o caracter nacional” (O PHAROL, 1891: s/p).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Quanto aos temas mais abordados nesse viés por Aurélio Pires estão, como poderia se esperar, a instrução pública e os debates políticos. Aurélio comentava a criação de leis, a sua aplicação, dava opinião quanto a projetos e mais esporadicamente, contribuía com suas ideias de maneira mais direta.

É importante ressaltar que todo o debate educacional no qual Aurélio esteve envolvido dizia respeito a uma espécie de compromisso que ele havia assumido com a República. Dessa forma, podemos dizer que mesmo longe dos cargos políticos, esse intelectual foi figura presente nos embates pelos diferentes projetos destinados ao novo sistema de poder que era inaugurado no Brasil.

Ainda sobre sua posição como intelectual, é importantíssimo abordar a noção de “rede de sociabilidades”, que permeia praticamente toda a produção que envolve História dos Intelectuais. Ângela de Castro Gomes afirma que “a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual num mundo cultural” e que para produzir é necessário ao intelectual estar imerso em um circuito de sociabilidade (GOMES, 2004: p.51).

E é justamente nessa rede ou nessas redes nas quais o intelectual se insere que são difundidas ideias e projetos, e onde se dão alianças e rivalidades. São os atores que circulam por entre suas teias que compartilham de um determinado repertório, que de acordo com Ângela Alonso na obra “Ideias em movimento” sobre a chamada geração de 1870, “funciona como uma caixa de ferramentas às quais os agentes recorrem seletivamente” de acordo com a necessidade apresentada. Essa “caixa” por sua vez fornece “um conjunto de recursos intelectuais disponíveis numa dada sociedade em um certo tempo” (ALONSO, 2002: p. 39-40).

Daí a noção de não só um vocabulário compartilhado, mas também de ideias e expressões que parecem se repetir entre determinados atores de uma mesma época. Nesse sentido, Aurélio Pires não se distancia dos demais intelectuais republicanos, a maioria mineiros, com os quais mantinha contato, seja em redações de jornais ou no convívio diário. Para ele a instrução pública era o caminho para a construção de uma nação fundada nos preceitos de civilização e progresso. Da mesma forma, ele também via, por exemplo, o jornal como meio educador que deveria cumprir o seu dever de instruir a população.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Mergulhados nessa expectativa de compreensão de um grupo de intelectuais vasto e com nomes importantes para a história política e educacional mineira, e também das ideias que circulavam por esses meios alocados em jornais, faculdades e também nos congressos, que começamos o trabalho de intensa pesquisa a respeito da figura de Aurélio Pires, que esteve presente e que hoje se mostra para nós como agente imprescindível em diversos processos dados desde antes da instauração da República no Brasil até a década de 30 do século XX. Processos esses ligados principalmente à área educacional, tão cara a esse intelectual.

Logo, entendemos Aurélio Pires como chave para o estudo de uma geração, seus ideais, suas alianças e disputas. Ele é também uma porta para pensarmos a história da educação em Minas Gerais de uma maneira singular, através das lentes do Mestre.

Falamos a respeito dos papéis públicos ocupados por Aurélio Pires, acrescentando que nos detivemos até o momento principalmente em sua atuação jornalística. Ressaltamos novamente que não a vemos separada ou sequer distanciada das demais, todavia, o percurso de nossa pesquisa, a maneira como as fontes se apresentaram, e sobretudo, o anseio por determinadas respostas, fizeram com que o Aurélio Pires jornalista, que falava de instrução pública, de política e de assuntos cotidianos em suas crônicas, ganhasse destaque.

É praticamente impossível separar o intelectual da fala pública, do uso de meios de comunicação para lançarem suas ideias, ou seja, para manterem seu engajamento. Com Aurélio Pires não é diferente. Através dos jornais, seja como redator, redator-chefe, correspondente ou o próprio dono, Pires contava das cidades, do clima, das pessoas, se detinha sobre descobertas científicas ou relembra os grandes personagens da história antiga. Mas ele também denunciava, cobrava, defendia ou criticava figuras políticas, e expressava suas ideias para a educação da nação brasileira.

Preocupava-se também o tempo todo em ressaltar as virtudes cabíveis aos jornalistas, zelando por sua imagem idônea, na tentativa bem sucedida de legitimar o lugar de onde falava.

Um bom exemplo de sua atuação nessa área diz respeito à discussão sobre a criação de uma escola de medicina em Minas Gerais. Foi através de suas linhas publicadas em diversos jornais do Rio de Janeiro que Aurélio combateu a favor dessa causa. Por isso mesmo, que quando





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

da inauguração da Faculdade Livre de Medicina em Belo Horizonte no ano de 1911, seu nome foi lembrado em discursos, e em inúmeras homenagens.

Em carta breve de julho de 1911, escrita pelo dr. Cícero Ferreira a Aurélio, cuja transcrição consta na autobiografia de Pires “Homens e factos de meu tempo”, percebemos como seu nome foi lembrado e como ele realmente se envolveu pela causa dita. Vejamos:

Bello Horizonte, 26 de julho de 1911.

Aurelio.

Affectuosas visitas.

Como você deve ter visto, pelas noticias dos jornaes, pretendemos lançar a pedra fundamental do edificio da Escola de Medicina no dia 30 deste, e ser-nos-ia bastante agradável que você viesse assistir á celebração solemne de um facto que foi sempre um dos seus mais queridos sonhos.

Veja se faz um esforço e venha.

Saudades nossas a todos os seus e um abraço

Do velho amigo Cicero” (PIRES, 1939: p. 260).

Dois anos mais tarde, Aurélio Pires que na época morava na capital fluminense retornaria a Belo Horizonte para lecionar na cadeira de Toxicologia do curso de farmácia dessa faculdade. Lá ele também ocupou a cadeira de Farmacologia por mais de duas décadas.

Sem dúvidas, não podemos negar a importância da fala pública na vida de um intelectual. A maneira como suas palavras se encaixam no corpo de um texto e se expressam suas ideias nos contam muito de sua personalidade e de seus pares. Por isso a necessidade de um grande foco nessa produção de Aurélio.

Todavia, não apenas o interesse nesse aspecto nos encaminhou para esse âmbito, mas também as fontes que encontramos e a maneira como nos pusemos diante delas.

Em nossa pesquisa nós nos propusemos a trabalhar com três tipos de fontes: o arquivo pessoal de Aurélio Pires sob a guarda do Arquivo Público Mineiro, sua produção literária com destaque para a autobiografia “Homens e factos de meu tempo”, e por último, documentações ligadas ao exercício de suas profissões, como relatórios e programas de ensino.

A respeito do último, ainda não fizemos um inventariado ou nos aprofundamos em seu contato, apenas sabemos de sua existência nos arquivos da Faculdade de Medicina da UFMG e do Instituto de Educação de Minas Gerais, antiga Escola Normal Oficial.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Quanto ao arquivo pessoal de Pires, este foi o nosso primeiro passo na pesquisa e também o primeiro contato com nosso objeto. Esse fundo, de origem privada, é composto por cinco séries guardadas em três caixas que conservam a organização original. Ainda não sabemos por qual meio este acervo chegou aos domínios do Arquivo Público Mineiro, local que o próprio Aurélio dirigiu entre os anos de 1927 a 1930.

Entre poucas fotografias e anexos com fragmentos de crônicas, estão ao todo oito cadernos organizados por Aurélio Pires e feitos para guardarem memórias¹. Com datações distanciadas – os dois primeiros são marcados com a data referente a 1916 e os demais com datação contínua indo até 1936 – tais cadernos sugerem um intenso e sistemático cuidado de arquivamento executado por Pires.

São nos dois primeiros cadernos, pertencentes à série 01: “RECORTES DE JORNAIS: crônicas literárias, artigos sobre política e poemas” que nos deparamos com as crônicas publicadas por Aurélio Pires ao longo de sua vida e que hoje usamos como fonte de acordo com a problematização já explicitada nos parágrafos anteriores.

O Caderno 01 guarda as crônicas publicadas entre 1878 e 1897, já o Caderno 02 vai de 1899 a 1916. O próprio Aurélio deixa claro em introduções escritas a mão nos cadernos, que ali não se concentrava toda a sua produção, citando até o que estaria faltando, como indica este trecho:

Este caderno nº 1, à exceção do primeiro artigo d’A Mocidade, sobre Escola Normal, o qual foi escripto em Diamantina, contém o que escrevi durante minha residencia em Ouro Preto. Faltam aqui meus escriptos de collaboração na Idéa Nova, de Diamantina (1875-1881), no Treze de Maio, de Ouro Preto (1888) e no Atheneu, órgão dos alunnos do 3º anno de Escola de Pharmacia de Ouro Preto (1893-1894). (PIRES, 1916: s/p. APM, Fundo AP)

Nesta introdução ele ainda nos diz do que se perdeu na memória e também no pensamento da época, o que não se conseguiu fixar no papel:

¹ Sobre o conteúdo dos oitos cadernos: Cadernos 01 e 02: recortes de jornais das crônicas publicadas por Aurélio Pires; Cadernos 03 e 04: recortes de publicações de outros autores sobre assuntos históricos; Caderno 05: recortes de jornais que falam sobre o Movimento Republicano, Aurélio Pires e outros intelectuais; Caderno 06: compilações de documentos referentes a Antonio Olyntho S. Pires; Caderno 07: compilação de documentos referentes ao Arquivo Público Mineiro e a obra de Pires “Compendio de Pharmacia Galenica”; Caderno 08: Rascunhos de discursos.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Relendo muitos desses artigos, ficô admirado de como as idéas e os pensamentos vão amarellecendo e vão-se desbotando como o papel em que foram lançados e a tinta com que foram escriptos.

O que aqui fica, nestas paginas descoradas pelo tempo, não é tudo quanto tenho pensado, durante a época a que ellas se referem. Ha ainda, muita, muita cousa, que a gente pensa e sente e que não sabe ou não pode exprimir. (PIRES, 1916: s/p. APM, Fundo AP)

Sabemos que tais recortes de jornais não conseguem conservar todas as ideias ou preservá-las da ação do tempo sobre as mentes. Mais ainda, temos consciência do processo de seleção efetuado por Pires e da intencionalidade de cada papel colado e cada papel descartado.

Pierre Nora afirma em seu texto “Entre Memória e História – A problemática dos lugares”, que:

[...] nenhuma época foi tão voluntariosamente produtora de arquivos como a nossa, não somente pelo volume que a sociedade moderna espontaneamente produz, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação de que dispõe, mas pela superstição e pelo respeito ao vestígio (NORA, 1993: p. 15).

Reconhecemos assim, um traço moderno no arquivamento executado por Pires, o qual podemos justificar não apenas por um apego ao passado, às lembranças, mas pela necessidade de distanciamento no tempo, de escapar de seu “fluxo incessante e imprevisível” (MARQUES:2003, p. 150).

Revela-se um desejo de se perpetuar no passado, de lhe dar sentido, “ao se arquivar, o escritor manifesta o desejo de vencer o tempo, permanecendo na memória de um povo ou de um país” (MARQUES: 2003, p. 150). Portanto, podemos concluir que esse arquivamento de si não é ingênuo, ele pretende passar uma determinada imagem. Por isso o exercício minucioso de escolha e de descarte.

Tem-se aí a questão da “intencionalidade” que é associada com maior facilidade aos arquivos pessoais, justamente por esses serem submetidos às vontades de arquivamento de um indivíduo, ao contrário dos arquivos públicos que carregam a perspectiva da funcionalidade². Mas

² Partimos da conceituação de arquivos pessoais tradicional do campo arquivístico de acordo com Bellotto que os designa nos seguintes termos: *A conceituação de arquivos pessoais está imbutida na própria definição geral de arquivos privados, que se afirma tratar-se de papéis produzidos/recebidos por entidades ou pessoas físicas de direito privado. O que se pode aqui especificar é que, sendo papéis ligados à vida, à obra e às atividades de uma pessoa, não*





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

é necessário deixar claro que um arquivo pode guardar diferentes tempos e intencionalidades, por isso o dever de analisá-lo além dos elementos individuais, mas como um todo.

O processo de arquivamento de si pode e deve ser entendido como um exercício de narrativa proposto pelo indivíduo que o faz. Dessa forma, assemelha-se ao exercício biográfico, como afirma Reinaldo Marques: “escrever um diário ou guardar papéis equivale a escrever uma autobiografia, práticas que se inserem no âmbito daquelas que, segundo Foucault, revelam uma preocupação com o sujeito” (MARQUES, 2003: p. 146-147).

Falamos sobre o arquivamento de si e agora trataremos da escrita de si.

A autobiografia de Aurélio Pires intitulada: “Homens e factos de meu tempo” foi publicada postumamente em 1939 pela editora Brasileira.

Além da narrativa de vida feita por Aurélio, o livro traz uma contribuição do poeta Pedro Nava e a transcrição de discursos sobre Aurélio Pires feitos por Affonso Arinos de Mello Franco e Mello Teixeira.

É uma autobiografia focada menos em assuntos pessoais do que públicos, narrando mais sobre a vida estudantil e as profissões exercidas, com alguns trechos que trazem detalhes familiares. Um diferencial é a forma escolhida para ser dada a narrativa: Aurélio Pires nos conta sua história através da história dos outros. Exemplo é quando fala dos anos escolares. Após uma breve introdução de como havia sido a experiência e o que o havia levado até aquele lugar, Aurélio começava uma longa retórica sobre seus professores e colegas. Isso perpassa todo o livro, e também justifica em partes o seu título.

É como se na oportunidade que teve para contar de sua vida, da maneira como a lembrava, ele se escondesse atrás dos outros. Ou por outro lado, podemos interpretar essa característica como exemplo forte da influência que sua rede de sociabilidades teve sobre sua própria compreensão de si. É como se ele se mostrasse por meio de seus pares.

são documentos funcionais e administrativos no sentido que possuem os de gestão de uma casa comercial ou de um sindicato laboral. São papéis ligados à vida familiar, civil, profissional, e à produção política e/ou intelectual, científica, artística de estadistas, políticos, artistas, literatos, cientistas, etc. (BELLOTTO. Arquivos permanentes, p. 256).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Hipóteses a parte, que ainda devem ser problematizadas, o exercício autobiográfico nos revela mais uma vez a preocupação de Aurélio Pires em guardar seu passado, e de analisá-lo para entendê-lo, para si entender como ator da própria vida e agente da história.

O esforço de escrita de si é discutido na historiografia por diversos autores. Bordel nos fala de uma ilusão biográfica, enquanto Foucault de uma morte pela escrita. Analisando as fontes referentes a Aurélio podemos inferir sobre uma necessidade latente de vencer a morte, de perpetuasse. É preciso se dar a ler pelo livro e se dar à curiosidade e à pesquisa pelo arquivo.

A escrita de si, nesse sentido, é busca de coerência entre o discurso e a ação, é ao mesmo tempo a necessidade hermenêutica de ressignificação. Esquematicamente, a história de vida quando transformada em relato, em expressões de si no tempo, leva à autocompreensão e a uma formação. Gaston Pineau diz ainda sobre “formar vidas singulares e comunicá-las socialmente” (PINEAU: 2006, p. 47)

Para concluir, podemos dizer que todo esse exercício executado por Aurélio Pires nos aponta para uma expressão moderna que coloca em perspectiva o pessoal e o social, o privado e o público. Além, claro, de uma subjetivação e uma individualização, uma tentativa de compreensão e de vigília de si que se dá a ver.

Nossa pesquisa acaba por tentar evidenciar a modernidade e o moderno através da figura de Aurélio, entendendo-o como homem de seu tempo. Isso através das fontes que nos “foram dadas” e que acabamos por tornar objetos de análise, assim como suas publicações.

Nosso objetivo é através da história de vida de um intelectual compreender o seu tempo, seja por esse viés moderno acima dito, seja pelas discussões públicas que ele colocava em pauta, ou ainda pelas relações pessoais que mantinha.

Assim, consideramos que podemos contribuir para a pesquisa em História da Educação do período, como também da História dos intelectuais, além do debate sobre arquivos e biografias.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Referências

Fontes Primárias:

APM - Guia de fundos e coleções - Fundo Aurélio Pires.

PIRES, Aurelio. **De Ouro Preto**: Assumpto único – Boas festas! O PHAROL. Juiz de Fora, s/n, 29 de dezembro de 1891. In: APM - Guia de fundos e coleções - Fundo Aurélio Pires.

Livros:

ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento**: a geração de 1870 na crise Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 392 p.

BELLOTTO, Heloisa Liberal li. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 320 p .

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 6. ed. Nova Veja: Passagens, 2006. 160 p.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 378 p.

PIRES, Aurélio. **Homens e factos de meu tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1939. 331 p.

Capítulos de Livros:

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta. AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006. p. 183-191.

MARQUES, Reinaldo. *O arquivamento do escritor*. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

NAVA, Pedro. *Mestre Aurélio entre as rosas*. In: PIRES, Aurélio. **Homens e factos de meu tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1939. p. 16.

PINEAU, Gaston. *As histórias de vida como artes formadoras da existência*. In: SOUZA, Elizeu Clementino. ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 41-60.

SIRINELLI, Jean François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-261.

Artigos:

CHAMON, Carla Simone; ZICA, Matheus Cruz. *República e educação em Estevão de Oliveira*. In: **Educação em foco – Centenário de formação dos Grupos Escolares**, Juiz de Fora 1907-2007. p. 85-93.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: **Projeto História**. Revista do Programa de Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo. Semestral. Dez- 1993. N. 10. P. 7- 28.

Revistas:

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Belo Horizonte: APM. Semestral. Jul- dez 2009. Ano XLV. N. 2.

